

Director-Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração,
composição e impressão
Rua de Alportel, 23-27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 20 CENTAVOS

O ALGARVE

Photographia Brazil
A melhor e mais bem frequentada
casa no género
Retratos d'arte
Rua da Escola Politecnica,
141— LISBOA

O abastecimento de aguas Uma conversa com o engenheiro sr. Alves Costa

A comissão administrativa da camara municipal, que tem o maximo empenho em terminar as obras do abastecimento de aguas á cidade, logo que tomou conta da gerencia convidou, por iniciativa do vereador do pelouro das obras sr. José Lopes, o distinto engenheiro sr. Alves Costa, professor do Instituto Superior Técnico, para vir examinar os trabalhos e projectos existentes e sobre eles se pronunciar, dando ao mesmo tempo todas as instruções para a continuação das obras.

Na sua partida para Lisboa falámos com o sr. Alves Costa na estação, da primeira vez que cá veio, perguntando-lhe a sua opinião sobre o assunto mas ele apenas nos disse:

—Sem ter dado balanço ao que vi e á papelada que aqui levo, não posso dizer-lhe qualquer coisa de definitivo. Devo no entanto não me esquecer de lhe afirmar que me agradou o convite da comissão e esta inesperada visita a Faro. Não se admirará de que assim seja quando eu lhe disser que a minha tese final de curso foi: *Abastecimento de aguas á cidade de Faro.*

Como vê, a coincidência é interessante e creio que do meu velho trabalho alguns elementos se aproveitarão agora. Vou estudar tudo isto e depois darei conta das conclusões a que chegar.

E até breve.

Esperámos pela volta do conhecido tecnico e no passado domingo em que ele depois de um banho nas *Quatro Aguas* passeiava pelas ruas da cidade marcando as que eram da calçada e as que eram de macadâm para os efeitos do seu estudo, conseguimos ter com ele uma interessante palestra, que apesar de bastante tecnica, interessará por certo os nossos leitores.

Estamos em frente de um homem novo, que nada tem do pedantesco ar de *magister* ou do enfatuado de certos meeninos *cabios*.

Muito ao contrario, Alves Costa ostenta o ar despretencioso da verdade: o homem de sciencia modesto na apparencia e nas palavras. Esprime-se com grande volubilidade e com uma segurança perdida de quem conhece a fundo os assuntos que trata.

—Hoje já lhe posso dizer alguma coisa de seguro e de definitivo. —Diz-se que o deposito do Alto de Santo Antonio pode avariar se por estar vazio. Qual é a opinião de V. Ex.?

—Eu visitei já duas vezes essa obra e vou expor-lhe o que sobre ella eu penso.

O deposito foi construido com a percentagem minima de cimento que se costuma aplicar a obras daquela natureza e com um cimento que, embora excelente, magnifico mesmo, para outras obras, não é o que eu escolheria para o fazer.

A razão é que não tem o coeficiente de *clanchit* que eu reputo necessario para um reservatorio de agua que demais a mais foi construido acima do terreno.

Considero insufficiente a dosagem de cimento nos rebocos, mas em nada estas faltas podem ser atribuíveis ao empreiteiro que era fiscalizado e autorizado a fazer-las.

Com respeito á inutilização da obra por falta de agua, devo dizer-lhe que nos bons contratos de empreitadas daquela natureza é de uso uma clausula em que se estipula que o deposito ou depósitos, se não podem encher de agua sem terem decorrido pelo menos trinta dias. Já vê que esse perigo é apenas aparente.

Para mim o defeito capital do reservatorio é ter sido construido acima do terreno, e não ter ficado completamente enterrado. Todos

os outros podem não influir na segurança e no funcionamento da obra.

—Quando teremos agua canalizada nas ruas?

—A essa pergunta não posso eu responder, com segurança, mas se a comissão administrativa da Camara Municipal obtiver os meios de realisação para que trabalhe com tanto afan, muito breve algumas ruas da cidade terão o precioso liquido em abundancia.

Entretanto os trabalhos já principiaram, mas não podem ter o desenvolvimento que a comissão deseja porque para estender tubagem não são precisos só os tubos são necessarios tambem os accessorios e estes faltam em grande quantidade especialmente aqueles que mais necessarios são para já.

—Ha então tubagem necessaria para a cidade?

—Não ha, mas eu por uma modificação muito importante na tubagem elevatoria, conseguirei que a tubagem existente fosse alem do que estava planeado.

—V. Ex. modificou a tubagem elevatoria?

—Nem podia deixar de o fazer. Estava planeada uma tubagem que serviria apenas para levar a agua do poço do largo da Trindade para o reservatorio do Alto de Santo Antonio. Essa tubagem tinha um diametro de 150 milímetros o que produzia uma grande perda de carga. Em todas as grandes cidades ha tubagens exclusivamente elevatorias. Em geral as tubagens são elevatorias e distribuidoras, havendo algumas em que não ha reservatorios elevados.

Nestas a pressão da agua é dada pelas bombas que estão em serviço por grupos dia e noite.

Ora Faro, não precisa de ter duas tubagens; com uma só pode elevar a agua e distribuí-la e isso representa uma importante economia para o municipio como verá. O tubo elevatorio que era de 150 milímetros de diametro passa a ter 250 milímetros, o que, produz um melhor rendimento de força motriz correspondente a dez kilowatts-hora ou sejam 14 cavalos vapor numeros redondos.

Esta economia seria muito maior se as bombas trabalhassem nas horas de maior consumo porque só a agua que sobresse do consumo é que iria ao reservatorio e a que era consumida como não subia tão alto economizava força motriz.

Mas ainda assim, porque a central electrica não tem energia nas horas de maior consumo os 14 cavalos, poupados pela nova tubagem devem representar em dinheiro, dado o preço pelo qual a energia é fornecida á camara—treze mil reis por cada hora—pouco mais ou menos ou seja 17.000 escudos annuaes calculando que a bomba funciona pelo menos 6 horas por noite.

Mas a esta importante economia tem de juntar-se ainda a que resulta da tubagem que estava destinada a elevar a agua e que permitirá um maior raio de distribuição muito necessario á cidade.

—Não me poderia V. Ex. dizer se a area de distribuição que se pode obter com a tubagem existente é muito larga?

—A cidade é atingida pela tubagem em toda a sua periferia.

A rede dos tubos distribuidores principais fica estabelecida desde S. Sebastião a S. Francisco, desde S. Luiz ao Jardim Manoel Bivar. Faltam apenas 400 metros para a Avenida da Republica mas esses vae a comissão adquirir.

Devo no entanto esclarecer que a rede assim como fica é uma rede de malhas desatadas, uma rede incompleta que tem uma função restrita.

—Porquê?

—Porque se houver uma avaria em qualquer ponto da cidade para reparar essa avaria será preciso fechar a agua a todos os consumidores.

E puxando de um mapa da cidade todo maculado de traços

encarçados e de pontos azues, explica-nos.

—Aqui tem este mapa que foi uma das peças da minha tese. As linhas encarçadas indicam as canalizações que se vão estabelecer com o material comprado e os accessorios que se não de aquirir; os pontos azues dispersos por todas as ruas, indicam as torneiras que são necessarias para ligação completa de toda a rede.

Está aqui tudo o que ha a fazer. Logo que pela estrada da Circunvelação se começar a fechar, na medida das possibilidades da Camara, as malhas desta rede, a cidade embora uma avaria se dê em qualquer ponto, não terá a agua estancada em toda a sua canalização distribuidora. Devo dizer-lhe ainda que pela Avenida 5 de outubro a tubagem devia ser estabelecida em dois ramos o que evitaria em parte o inconveniente apontado acima.

E agora vou mostrar-lhe um outro trabalho de uma importancia capital para o estabelecimento consistente da rede geral. E' este mapa, que me deu muito trabalho a elaborar.

E dizendo isto o illustre tecnico mostrou-nos uma grande folha de papel coberta de numeros todos dispostos em colunas e em linhas separadas como melindas nas malhas de uma rede.

—Por este mapa qualquer pessoa pode saber o nivel, a pressão e a velocidade da agua em qualquer ponto da cidade. Pode perguntar-me que eu mostro-lhe immediatamente os numeros correspondentes. Por curiosidade perguntámos:

—Qual é o nivel da agua em frente da grande casa que pertence ao sr. João Marcelino, na Avenida 5 de Outubro?

—Vinte e dois metros. De resto, na parte mais baixa da cidade a agua pode subir a uma altura de 33 metros, o que parece bem sufficiente.

—E o que me diz do poço e da agua?

—Sobre o poço tenho as minhas ideias que por agora não quero expor para evitar erradas interpretações.

Sobre a agua não posso deixar de dizer que a análise quimica demonstra uma agua magnifica. Pena é que não esteja feita a análise bacteriológica para que se soubesse se esta ou não inquinada.

Logo, porém, que se possa limpar o poço, essa análise será feita num instituto officia para tranquillidade de todos.

Devo porem, dizer-lhe que se ella for pura e tiver o sabor da que aqui se vende e se bebe, será expiendida.

Devo ainda acrescentar, para que se saiba, que tendo a agua de Faro um grau hidrotimetrico muito baixo, isto é, que sendo muito pouco calcarea, quem a beber não se deve abster de colocar tubagens de chumbo. O chumbo é atacado pela agua e forma saes prejudiciaes á saúde.

E como a conversa já se alongara em massa, agradeçamos, encantados, a amabilidade da recepção e pedimos desculpa da estopada.

—Sempre ás suas ordens para o esclarecer em tudo o que diz respeito a este trabalho, respondendo nos risonho e amavel o illustre tecnico.

Cruz Luza

Hoje pelas 21 horas prefixas, realisa a Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Faro (Cruz Luza) o seu primeiro simulacro de incendio, na fronteira do seu Posto Permanente de Pronto Socorro.

Depois do simulacro serão postas a trabalhar a moto-bomba Delahy e a bomba Americana. E' convidado o publico farense a assistir ao simulacro dos voluntarios.

Dinheiro

SOBRE HIPOTECA, dá-se. Dirija carta a este jornal a J. R. E.

Representação entregue aos srs. presidente do governo, ministro das finanças, ministro da agricultura e ministro da marinha, pelas Associações Comerciaes e Industriales do Algarve

Excelentissimo Senhor Ministro:

A situação que a provincia do Algarve atravessa é por tal forma angustiosa que se o Governo se não apressar em providenciar promulgando, sem demora, medidas salutaras, de efeito immediato para atenuar a tremenda crise que desde ha cerca de dois anos a provincia vem atravessando, ninguém poderá prever as consequências dum tão profundo mal.

O Algarve que em epoca ainda muito recente era das provincias que mais contribuia para o equilibrio da nossa tão abalada Balança Commercial, pelas suas importantissimas exportações, que se traduziam numa enorme entrada de ouro para o Paiz, encontra-se hoje definida, empobrecida, á beira da mais calamitosa ruina. Não é uma afirmação de sentimentalismo doentio, mas uma dura realidade, que ninguém de boa fé pode desmentir.

Por varias vezes as diferentes associações de classe de toda a provincia solicitaram insistentemente, dos anteriores Governos para que atendessem a tão miseravel estado de coisas, evitando um mal maior. Mas os nossos governantes preocupados em demasia com os interesses discutíveis das clientelas ou facções não cuidavam como deviam dos altos interesses da Nação, e o Algarve só tinha noticias dos poderes constituidos por intermedio dos empregados do Fisco, que sem consideração pela Economia Regional, só a tem profundamente agravado com pesados e insupportaveis impostos e multas vexatorias.

Conhecendo as intenções do actual Governo, confia o Algarve que finalmente a sua voz será ouvida e os seus alvitre estudados e apreciados com o interesse e carinho que merecem. Assim osam, as Associações Comerciaes e Industriales da provincia, apresentar a Vossa Excelencia o que supõem ser as causas da crise e as soluções que julgam indispensaveis para que esta riquissima provincia, afastando-se do abismo para onde a afiraram, possa aguardar confiantemente os melhores dias e, do esforço afinçado dos seus filhos, da riqueza das suas costas e exuberancia do seu solo, contribuir para regeneração economico-financiera do nosso desventurado paiz.

Dividimos a nossa exposição em tres capitulos e um apendice relativo á agricultura.

1.º — A crise financeira geral com o aspecto particular para o Algarve — Soluções.

2.º — A crise da pesca — Previsões — A pesca de galeões e parelhas espanholas — Pesca da baleia — Pesca no tempo da desovação — Soluções.

A crise financeira geral com o aspecto particular para o Algarve

A brusca valorisação do estudo no segundo semestre de 1924 acarretando profundas e persistentes perturbações á economia da Nação, affecto particular e grandemente á Economia Regional, pois essa rap da alteração cambial deu-se, precisamente, quando a quasi totalidade das fabricas de conservas se encontravam com stocks importantissimos de mercadorias fabricadas sob a base de cambio medio de Esc. 160/00 por libra, tendo-se pago as materias primas de importação indispensaveis á sua laboração á mesma divisa cambial, ocasionando á industria prejuizos de muitos milhares de contos, pois ao realizarem as suas vendas tiveram de liquidar as suas cambias a cambios medios de Esc. 100/00 por libra e a cotações ainda inferiores. E como se isso não bastasse, as cotações das conservas nos mercados consumidores baixaram, em fins de 1924, de mais de 15 % em sterling, so-

bre as cotações do semestre anterior.

Se atendermos que a inesperada baixa do cambio coincidiu, igualmente, com a exportação de frutos secos, reconhecemos, sem esforço, que de todos os prejuizos acumulados resultou para a economia algarvia uma importantissima diminuição de disponibilidades e como consequencia o inicio de dificuldades, que causas surpresas, vieram agravar.

Como se tudo isto fosse, pouco ainda para lançar na misera esta região, outrora riquissima e em plena prosperidade, o Estado em lugar de criteriosamente estudar a situação e procurar por todas as formas ao seu alcance atenuar o mal e evitar a perda completa duma industria que aportava ao paiz a maior soma de ouro, chegando a figurar como a nossa primeira industria de exportação, exige tributações incompativeis com a situação, e que em muito excedem a capacidade tributaria regional, vexa e oprime com multas e mil exigencias o desgraçado contribuinte, afasta-se do espirito da Lei, para por um processo illegal e iniquo mandar cobrar a parte das contribuições que incidem sobre as transações não pelo valor destas mas pelo achado para 1924.

Julgamos como soluções indispensaveis:

1.º — Redução das contribuições, de pelo menos 40 % em todas as, para os valores relativos a 1925; prona remodulação do sistema tributario e o seu regresso ás antigas formulas de unificação e simplificação de contribuições e impostos.

2.º — Creação do Credito Industrial em bases de absoleta garantia para o Estado e de menores encargos para as industrias de pesca e conservas (As Associações Commercial e Industrial de Lisboa elaboraram já relatorios detalhados sobre o assunto).

3.º — Abolição pura e simples dos impostos sobre exportações das conservas de peixe, a exemplo do que acaba de fazer a Espanha, de maneira a que este producto possa chegar aos mercados estrangeiros em condições de preço que lhes permita readquirir os seus antigos consumidores.

4.º — Aplicação do regimen *Draw back* para os materias de importação, folha de flandres, estanho, chumbo e azeite, e que a este regimen seja applicado a tabela para os materias de importação em regimen temporario, isto é, redução da taxa consular a 1/4 %.

5.º — Tratado de comercio que facilitem a entrada das nossas conservas nos principais mercados consumidores.

6.º — Nomeação de comissões em todos os centros produtores com representação de delegados das Associações Comerciaes para fiscalisação da industria e seus productos, castigando todo o industrial que se abste de cumprimento do dever, prejudicando o bom nome da conserva nacional.

7.º — Creação dum regulamento para o exercicio da industria de conservas e sua ind. calisação.

A crise da pesca

Desde ha muitos anos que o Algarve vem clamando junto dos Governos para que se totem medidas energicas contra os abusos constantes dos pescadores espanhols, e desde ha muito que o Algarve vinha prevendo que a exemplo do que dera na França e na Espanha a nossa costa outrora de todas a mais rica, ficaria igualmente arrasada trazendo como immediata consequencia o aniquilamento das suas industrias mais floreccentes e a ruina da sua população que directa ou indirectamente da pesca vive. Os Governos não quiseram ouvir os clamores

justificados da provincia e os factos encarregaram-se, lamentavelmente, de demonstrar quem tinha razão. A costa encontra-se arrasada e a população algarvia a braços com a miseria.

A defeituosissima fiscalisação da pesca apesar de custosa para o Estado, para pouco ou nada serve, como actualmente se exerce.

Os galeões espanhols em numero não inferior a 50 invadem quasi diariamente a nossa costa, prejudicando os nossos pescadores não lhes consentindo muitas vezes o livre exercicio da sua industria e arrestando lentamente as nossas costas, pois as artes espanholas são maiores e mais fundas do que as nossas e os seus galeões maiores e de maquinas mais robustas. Se considerarmos que cada galeão leva um ou dois «acostados» possuindo hoje quasi todos motores de oleo tipo «Diesel» e «Diesel», calcula-se, com facilidade o ruído enorme que taes embarcações produzem no mar e o consequente afastamento da sardinha, que foge para onde possa encontrar mais tranquillidade.

Mas se o quasi livre exercicio do abuso dos galeões espanhols é além de funestamente prejudicial para a economia do paiz, attentorio dos nossos brios nacionaes, como classifica o exercicio «parelhas» que exercem a chamada pesca d'artao? Estas artes que no tratado do comercio com a Espanha assignado em 1898 foram consideradas como «apparehos illicitos» e isto quando navegavam á vela e com cabos de canhamo, como classifica-las hoje, pescando com 2 barcos a vapor de grande potencia, com artes muito mais robustas e cabos d'ago?

Em 1912 acordaram novamente os dois Governos em que não poderiam pescar a menos de 12 milhas da costa, pois as suas redes arrastam pelo fundo do planalto continental, arrastam por completo toda a flora submarina, aniquilando toda a vegetação, modificando o «habitat» natural das especies maritimas mais ricas. Apesar de tudo, doloroso é reconhecer que as proprias parelhas pescam inumeras vezes adentro das 6 milhas territoriaes, pelo que julgamos não fantasiar attribuindo á intensificação da pesca de galeões e parelhas espanholas e causa principal do mal que o Algarve deede ha muito previra e que agora infelizmente e por maneira afflicta sofre.

Julgamos tambem altamente prejudicial e concorrente ao afastamento da sardinha da nossa costa a pesca da baleia.

A pesca no tempo da desovação deve considera-se, igualmente, como uma das causas primaciaes de estase da pesca que desde ha dois anos se vem accentuando por maneira calamitosa em toda a nossa costa e que no ano que desopre está atingindo proporções assombrosas.

E' possivel que apesar de julgarmos serem estas as causas principais ellas não sejam as unicas, e que outras que mais directamente á sciencia cumpre investigar, concorram tambem para o afastamento da sardinha da nossa costa.

Entendem pois as Associações Comerciaes e Industriales do Algarve que é de ver inclinar-se á nivel do Governo encariar de frente este importantissimo problema, pois de todas as riquezas de que por 3/2 d'idade a peçca é e todas a maiores na frase dum distinctissimo officia da marinha de guerra espanhola. E' uma colheita quasi diaria e uma sementeira que se não faz.

Todos os paizes que possuem costas ricas, desviam para a pesca a sua melhor e mais cuidadosa atençação, e é indispensavel que nas esteras superiores se não continue a supor que a magna questão da pesca se resume tão somente, e a mais ou menos uma canastra de sardalhas.

(Continua)

MUNDANISMO

Casamento elegante

Realisou-se no passado dia 25 na Igreja Parochial de S. Pedro, desta cidade, o casamento de sr. D. Maria Filomena de Brito Leal, filha de sr. D. Lucilla de Brito Leal e do sr. dr. Arthur Pavão Leal, com o sr. Luiz Frederico Cumano de Bivar Weinholz, filho de sr. D. Isabel Cumano de Bivar e do sr. Manuel de Bivar, já falecidos.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais, e do noivo seu tio sr. João Antonio Judice Filho.

A noiva alia a uma insinuante formosura, primorosos dotes de coração.

O noivo, pertencente a uma das mais illustres familias da nossa provincia, é muito querido no nosso meio pelas suas bellas qualidades de caracter e fino trato.

Apoz a cerimonia religiosa, que revestiu excepcional imponencia, foi oferecido aos convidados, pessoas de familia e intimos dos nubentes, um delicioso lunch em casa dos paes da noiva.

Os nubentes, a quem apeteceamos as maiores venturas, partiram no comboio rapido do mesmo dia para a Quinta do Paço, seguindo depois para o estrangeiro em viagem de nupcias.

Na corbeille lembra-nos ter visto as seguintes prendas:

Do noivo á noiva, um par de brincos em perolas e uma pulseira em ouro e diamantes; da noiva ao noivo, um par de botões de punho em platina e brilhantes; dos paes da noiva um broche de brilhantes; de D. Maria Judice Guerreiro, bisavô da noiva, um sobrecostão fechado; da avô da noiva, D. Josefa Brito, um par de brincos de brilhantes; de D. Filomena Pavão Leal, avô da noiva, um broche antigo; de «mademoiselle» Maria Lucilla Brito Leal, um cesto em prata; do dr. Justino de Bivar e esposa, duas tigelas em prata; de D. Maria Luiza de Bivar Sampaio e Mello e marido, um cache-pot em prata; de Jeronimo de Bivar e esposa, uma tigela em prata; de Raul de Bivar e esposa, uma tigela em prata; de D. Maria Luiza H. de Bivar, um cesto em prata para pão; de D. Maria Antonia Cumano Filho e marido, um serviço de almoço em prata e um taboleiro em pau santo; de D. Anna de Bivar Cumano e filhos, uma duzia de chavens antigas; do dr. Manuel Leal e esposa, um serviço completo de almoço em louca da china; de Anastacio Guerreiro de Brito, uma moldura em pau santo e prata; de José Augusto Guerreiro de Brito e esposa, um guarda-joias em prata; do dr. Manuel Gillo e esposa, um candeeiro; do dr. Virgilio Inglez e esposa, um estojo com talheres para dós; de D. Rosa Pereira de Mattos e familia, um cesto em prata; de D. Antonio de Souza Coutinho e esposa, uma taça em marmore e prata; de Jorge Mendonça e esposa, duas tigelas em prata; do dr. Philippe Baião e esposa, uma caneca em cristal e prata; do sr. João de O' Ramos e esposa, uma tigela em prata; do dr. João Esquivel e esposa, dois talheres para peixe; de D. Margarida Atayde Pavão, um perfumeador em metal; de «mademoiselle» Maria Emilia Leal, uma cesta em cristal e metal; de Francisco de Bivar e esposa, um pisa-papeis em marmore e prata; de D. Maria Amelia Franco Judice e filha, um estojo com colheres em prata; de D. Ana Judice Carneiro, filha e neto, um saleiro em cristal e prata; de D. Francisca d'Almeida Bivar, um trinchante em prata; de D. Sofia de Bivar Marques, um estojo com colheres em prata; de D. Julia Tavares e irmã, um taboleiro em xaxó; de Joaquim Pontes e esposa, um espelho em prata; de D. Mariana Rego Coelho de Sá, um cinzeiro em marmore e prata; de D. Brites Viegas, um jarro para flores de Honrique Borges e esposa, um espelho em prata; de João Fonseca e esposa, um cesto em metal; de Antonio Ramalho Ortigão e familia, uma duzia de facas para manteiga; de D. Carolina Pinto, uma jarra para toaleto; de D. Maria Arouca Assis e filhas, uma caixa em pau preto e filigrana; do dr. Alexandre Pereira de Assis, uma caixa de pau preto e prata; de Maria Isabel Cocheiro Martins, uns perfumeadores; de Madama Ca valho, uma caixa para pó de arros em cristal e prata; de Madama Belmarço e marido, uma taça em cristal para dós; de D. Natalia Coelho e marido, uma colher em prata; de D. Clotilde Romero e irmã, uma jarra para flores; de D. Luiza Filipe, uma caixa para pó de arros; de D. Rachel Antun, uma moldura em pau santo e prata; do tenente Oliveira e esposa, um talher para peixe; de D. Palmira Monteiro, um naperon bordado; de «mademoiselle» Eusebio, um estojo em prata para unhas; de D. Eugenia Salter, seis naperons de renda de bilroi; de «mademoiselle» Fonseca, um naperon bordado; de «mademoiselle» Salles Henriques, uma moldura em prata; de D. Elena Rosa Dias e irmã, uma faca para papel e raspadeira em prata; de «mademoiselle» Bequeira Braga, um jarro; de Conceição Moraes Pinto, uma almofada bordada; de «mademoiselle» Albiana, dois livros; de «mademoiselle» Amelia Santos, uma almofada pintada; de D. Maria Theresia Ramos, um lenço em renda de bilroi; de Emiliano Pereira Ramos, uma salva de prata; de Manuel Villaga da Silva, um bloc-notas; de Carlos Paraiço de Padua, uma anphora em metal.

Escola Commercial de Tomaz Cabreira

EXAMES

Aritmetica — 1.º ano: Armando Martins, 10; Aurelio Bernardo, 12; Manuel Ataide Ferreira, 10; Adiaos 2.

Portuguez — 2.º ano: Aurelio Anibal Bernardo 10; Francez — 2.º ano: Aurelio Anibal Bernardo 11.

Tecnologia — 3.º ano: Antonio Leiria 13; Bernardino Lopes, 10; Carlos Cabrita, 12; José Guerreiro, 10; Julio Costa 15; Lourivaldo Correia, 11.

Dactilografia — 3.º ano: Alfredo Augusto Vicente da Conceição, 13; Antonio da Silva Gonçalves, 12; José dos Santos Valadas, 12; José Mendes Pintasilgo Junior, 12; Lourivaldo Correia, 12; Mabel Fernandes Aragão, 13; Aires Raposo, 10; Aurelio Bernardo, 10; Celestino Amaro Junior, 10.

Letinografia — 3.º ano: Alfredo Augusto V cente, 11; Antonio da Silva Gonçalves, 12; José dos Santos Valadas, 14; José Mendes Pintasilgo Junior, 12; Lourivaldo Correia, 11; Mabel Fernandes Aragão, 12.

Exames de Admissão

Alzira Adelaide Antunes Cabrita, 11 valores; Leonel Pires Belchior, 11; Acibal Chaves de Oliveira Pinte, 12; Antonio Cordeiro de Mendonça Freitas, 11; Antonio Silvestre Junior, 11; Antonio Uva Sancho, 10; Augusto Francisco Antonio, 11; Augusto Vieira dos Reis, 12; Carlos José da Silva, 10; Eduardo da Conceição Pires, 11; Florindo Oliveira Santos, 10; Francisco dos Santos Bolas, 10; João Coelho, 11; João Ruivo Seromenho, 10; José Rodrigues Machado Junior, 11; Laurentino José da Silva Baptista, 10; Rafael Antonio da Cruz, 11.

NOTICIAS OFICIAES

Foi nomeado provisoriamente encarregado da Estação Experimental de Ostricultura e de Conquicultura, o cidadão Pedro Bernardino Graça.

—A professora de Casa Branca, sr.ª D. Ameia Augusta Romão de Freitas, acompanhada 30 alunas da sua escola, visitou Fortimão, Praia da Rocha e Monchique.

Emprestimo á camara de Silves

O sr. ministro das finanças autorizou a camara municipal de Silves a contrair um empréstimo de 600 contos, para ser aplicado em abastecimento de aguas e iluminação electrica.

HA 44 ANOS DE "O DISTRICTO DE FARO" De 24 de agosto de 1862

Agravaram-se os padecimentos do nosso honrado patricio e amigo Perfeito José de Souza Coelho. E limamos as suas m-lhoras.

Necrologia

Faleceu em Loulé o antigo negociante sr. José Rodrigues Peres, de 81 anos de idade, natural de Castelejos, visnha provincia da Audaluzia. O finado era pae da sr.ª D. Candelaria Rodrigues Peres Marques, esposa do sr. Pedro Rodrigues Marques, comerciante desta cidade, D. Josefa e D. Amalia Rodrigues Peres e dos srs. José, Manoel, Rafael e Santiago Rodrigues Peres, daquela vila.

Faleceu nesta cidade, na terça feira, o sr. Joaquim dos Santos Silva, apontador da divisão das catradas deste districto, que ha pouco tinha sido aposentado. Tinha 64 anos de idade.

Depois de muito sofrer faleceu nesta cidade a sr.ª D. Marcelina Amelia Palermo Madeira de Aragão de 66 anos de idade, esposa do sr. João Rodrigues Aragão, professor do liceu desta cidade, a quem apresentamos os nossos pezames.

Contando 58 anos de idade faleceu em Lisboa o sr. Luiz Dias Amado, proprietario da farmacia Ultramarina da rua de S. Paulo, daquelle cidade.

O finado era natural de Portimão e autor de um depuratorio que tinha o seu nome.

Departamento Maritimo do Sul Conselho Administrativo

O Conselho Administrativo do Departamento Maritimo do Sul faz publico que vai proceder, no proximo dia 6 de Setembro, á venda de diverso material julgado inutil, dividido em três lotes:

- 1.º—Sucata diversa. 2.º—Cabos e lonas. 3.º—Madeiras.

As propostas para a sua aquisição, feitas em carta fechada e lacrada e garantidas por um deposito prévio e provisório de 30300, serão recebidas em todos os dias uteis, das 12 ás 17 horas, até á data indicada para a venda.

Quaesquer outros esclarecimentos complementares se prestam na Secretaria deste Conselho Administrativo.

Secretaria do Conselho Administrativo do Departamento Maritimo do Sul, 27 de Agosto de 1926.

O Secretario-tesoureiro Francisco Freire Falcão Ribeiro de Campos 2.º tenente da Administração Naval

Francisco Viegas Louro & C.ª (Filhos)

Para os devidos efeitos se faz publico que por escritura de 25 de agosto do corrente ano, lavrada nas notas do notario de Faro Bacharel Victor Castro da Fonseca, entre Francisco Viegas Louro, Barnabé Viegas Louro e Francisco Viegas Louro, foi dissolvida a sociedade em nome colectivo «Francisco Viegas Louro & C.ª (Filhos)», com sede em Aldeia Galega do Ribatejo, ficando todo o seu activo e passivo a cargo do outorgante e ex-socio Francisco Viegas Louro.

Faro, 26 de agosto de 1926.

José Joaquim Lopes Macedo (Notario ajudante)



Agradecimento

Francisco Figueiredo e sua familia agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada sua esposa, nora e cunhada.

Arrenda-se

Uma horta no sitio do Mealoal. Dirigir carta fechada a D. Maria Amelia Mendonca, Quinta do Outeiro—Conceição de Faro.

Arrendamento

Arrenda-se a fazenda do Bom João que consta de terras de se mear de sequeiro, ramadas, casas de habitação e mais dependencias. Trata-se na rua do Compromisso, 31—Faro.

Automovel

Vende-se OVERLAND em perfeito estado. Facilita-se o pagamento. Tratar com Aurelio Mascarenhas—Faro.

Vende-se

Uma morada de casas, constando de r/c e 1.º andar, na travessa Castilho n.º 111 e 111 A. em Faro. Quem pretender dirija-se a João dos Santos Sena, Litografia Fialho—Portimão.

Escola Commercial de Tomaz Cabreira de Faro

EDITAL

Carlos Augusto Lyster Franco, Professor efectivo e Director da Escola Commercial de Tomaz Cabreira de Faro:

Faz saber que, em harmonia com o Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 6248 de 19 de Dezembro de 1919 se encontra aberta a matricula na mesma Escola desde 1 a 20 de Setembro do corrente ano.

O ensino, cujos programas foram actualizados pelo Decreto n.º 11490, de 9 de Março de 1926, é professado em quatro anos e compreende as seguintes disciplinas: Lingua patria, franceza e inglesa; Aritmetica comercial e geometria elemental; Elementos de direito comercial e de economia politica; Geografia comercial, vias de comunicação e transportes; Historia Patria geral; Noções gerais de commercio; Escrituração e contabilidade comercial; Elementos de fisica e quimica e historia natural; Noções de Tecnologia e mercadorias e Trabalhos praticos de Caligrafia, Estenografia e Dactilografia.

O diploma de curso da Escola Commercial de Faro serve para admissão nos cursos dos Institutos Superiores do Comercio.

O curso Commercial cuja utilidade pratica é inutil encarecer, destina-se ao aperfeiçoamento dos empregados de commercio e a preparar a entrada nas carreiras comerciais a individuos de ambos os sexos.

As variadas condições da matricula encontram-se devidamente explicadas no EDITAL afixado á porta da Escola.

Secretaria da Escola Commercial de Tomaz Cabreira de Faro, 27 de Agosto de 1926.

O Director, Carlos Augusto Lyster Franco

VENDE-SE

Uma morada de casas altas na rua de S. Pedro, n.º 18, desta cidade, que se prolonga até á rua da Magdalena, onde tem o n.º 10. Uma dita terra, pequena, na rua da Viola, n.º 8 e 10. Tratase na rua da Magdalena, n.º 10—Faro—onde se recebem propostas.

Estudantes

Recebem-se do 1.º e 2.º ano do liceu, na rua Baptista Lopes n.º 48. Garante-se o bom tratamento.

Leito para creança

Em madeira, muito bom, com colchão, vende-se. Rua do Pé da Cruz, 47—Faro.

Chevrolet

Vende-se uma capota, 4 rodas, cardan completo e um gerador. Trata-se na Rua de Santo Antonio 7 e 9.

Gregorio Piecho

Afinador e reparador de pianos, dispondo de material para todos os arranjos. Por um processo novo limpa as teclas de marfim amareladas com a acção do tempo. Preços modicos. Pode ser procurado no Eden cu Royal.

Trespasa-se

Escritorio servindo tambem para restaurante ou café, na rua da Marinha 17 17 A. Trata se na rua de Santo Antonio, 7 e 9.

Pensionato Liceal João de Deus

Alunos internos, semi-internos e externos

Rua Infante D. Henrique, 123

FARO

Reabre em outubro, principio do ano lectivo esta casa de estudo com aposento, alimentação, arranjo de roupa e ensino para os alunos do curso dos Liceus até á 5.ª classe.

Está aberta desde já a inscrição dos alunos, pois que convido aos mesmos pertencerem ás mesmas turmas é da maxima conveniencia para todos que desejem frequentar o Pensionato fazerem a sua inscrição antes da abertura do Liceu.

Curso de explicações para alunas até á 5.ª classe

Pedir prospeto-relatorio a Anibal Alexandre

ooooo(FARO)ooooo

Cimento LIZ DA Empresa de Cimentos de Leiria Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria Agente e revendedor Empresa Fabril do Algarve, L.ª FARO

João Mendes Madeira & Filhos L. 6—Rua Conselheiro Bivar—8 e 10 Grande sortido de: Solas e cabedoes Grande stok de peles finas para sapataria, para estofos de mobílias, carros e capotas Motos, bicicletas das melhores marcas Oficina de reparações Representantes: Anilinas-da Fabrica belga Paul Entroupe, Fornos electricos-da Companhia Portuguesa, Carbureto de calcio-marca LUX. Solas, tações protectores de borracha, marca Engleber, que todos devem usar. Pede-se uma visita e consulta a esta importante casa

MOSAICOS Otimo acabamento Grande resistencia ao desgaste EMPREGO DOS MELHORES MATERIAIS Fabrico especial da EMPRESA FABRIL DO ALGARVE, L.ª FARO

Liceu Joao de Deus

Foram nomeados directores de classe do liceu desta cidade, os seguintes professores efectivos:

- José Joaquim Monteiro Simões — 1.ª classe. Armando Cassiano — 2.ª classe. Alfredo Caetano de Oliveira Carvalho — 3.ª classe. Jorge Silvio Pelico de Oliveira Neto — 4.ª classe. Eduardo Marinho Alves de Mouta — 5.ª classe. Antonio Albino Gomes Saraiva — 6.ª e 7.ª de letras. João Rodrigues Aragão — 8.ª e 9.ª de sciencias.

«O Algarve» vende-se em Faro na Livraria Santos Capela.